

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

9 DE OUTUBRO DE 1965
ANO XXII — N.º 563 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRATIAS NA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

Parece-me conforme à natureza do homem que ele se prenda à planta nascida da sua sementeira e a acompanhe com o seu cuidado ao longo do crescimento e se compraza em vê-la árvore cheia de frutos.

É assim com os Pais, com os bons Pais, que jamais se desinteressam dos filhos, mesmo quando eles, adultos já, não carecem da sua solicitude. Os laços que a geração criou duram tanto quanto a vida.

Se na verdade é desta sorte a natureza dos homens, não podemos esperar do comum deles que amem o que dentro em pouco deixarão, sem perspectiva, sequer, de que se dê continuidade ao que começaram. Construir para o futuro e renunciar aos louros (eu digo, até: à consolação da maturidade) dos seus trabalhos, exige uma força de alma que só os heróis têm — e nós estamos a falar do comum dos homens, sobre quem assenta a organização da vida sobre a Terra.

Por isso me doo — e a dor se aviva sempre que estou em Africa — a cada choque com a realidade que dá pelo nome de Comissão.

Ele são os militares que vão fazer a sua comissão, após a qual sacodem o pó dos sapatos e regressam. Ele são os Administrativos, que em poucos anos correm uma Província imensa, poisando aqui a preparar desde logo o salto para acolá...

Tribuna de Coimbra

● Hoje de manhã começou a chover. O vento deu sinal, naquele momento; mas, como nada nos tinha prevenido, a chuva encontrou-nos descansados a dormir, com a vira cheia de milho e feijão. Henrique fazia aguardente. Foi um despertar alvoroçado e já o deitar tinha sido tardio pela descarga de duas cubas.

Foi dia de vindima. Esta foi feita por todos, a coroar um esforço de respeito pelas uvas que rodeiam todas as nossas passagens. Os frutos em nossa casa são um instrumento precioso a forjar vontade de tantos que de pequeninos não souberam respeitar os bens alheios.

Foi sempre nossa intenção que a vindima fosse um dia de festa.

● Passou hoje uma brigada da luta contra a tuberculose. Houve simplicidade e delicadeza. Pouca papelada que não fez perder tempo a ninguém e delicadeza e respeito pela liberdade de cada um. O povo fez dia santo e acorreu com alegria e o nosso largo serviu para a romaria. Até a música do carro convidava à vacina. O pessoal técnico foi simpático.

Andam brigadas a percorrer todos os centros populacionais. Parece-nos que é uma campanha a Bem da Nação e acreditamos no seu êxito.

● Foi a enterrar o corpo de um Homem que viveu neste mundo dos homens. O corpo ficou, mas a alma partiu ao encontro d'Aquela que foi sempre o ideal da sua vida.

O seu testamento é uma lição viva de fé, esperança e amor. Abandono à vontade de Deus, pois não tinha bens que o prendessem à terra. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre.

O funeral teve grandeza, como corou a uma vida toda ao serviço dos outros.

Deus tenha na Sua Glória o Senhor D. Manuel.

PADRE HORACIO

Eu compreendo que há postos difíceis e mesmo muito duros, onde não haverá o direito de demorar aqueles que ali servem. Mas tal não invalida o princípio de estabilidade como mais conforme à natureza do homem e só ele capaz de permitir-lhe pôr-se naquilo que faz.

Ainda ontem numa reunião de Família me delicieei com um velho oficial há trinta anos regressado da Guiné após vinte de permanência. Com que ternura ele falava da Província e das recordações que a ela o prendem! É fácil imaginar as incomodidades em que, de há 50 a 30 anos, seria pródiga a vida ali! Porém ele viveu lá os anos da sua juventude. Ali casou e lhe nasceram os filhos. Ali sofreu dificuldades que teve a ventura de vencer. Por isso, sobre todas as imagens más, prevalece a saudade de uma terra onde ficou um pouco dele mesmo, a que o prende ainda um amor bem vivo.

A instabilidade como sistema, além de desconforme à natureza do homem, é uma posição de dupla desconfiança. Como há de ser terra nossa, nossa Pátria, onde parece não se reconhecer condições para

Continua na QUARTA página

ESTAS — Terminaram este ano. A última foi na Catumbela, onde nos levava, além de tudo, um dever de gratidão aos grandes e bons amigos que lá temos.

No espectáculo demos o melhor que podíamos e sabíamos. E o diálogo que mantivemos com a plateia, é daqueles que não esquecem mais. No final, ficámos ainda mais amigos. Pró ano que vem, se Deus quiser, vamos de novo à Catumbela.

BRAS — São elas o ponto número 1 das nossas conversas, do nosso trabalho, dos nossos sonhos, enfim de tudo. A Casa-Mãe sobe. É belo vê-la subir. Por enquanto, ainda não parámos, nem pararemos com certeza. Temos confiança no Senhor. Ele, por certo, continuará a tocar os corações daqueles que fazem com que a obra não



Carta de Benguela

QUE RICOS COMPADRES!

pare. A sensação de ver subir as paredes de uma obra tão dispendiosa; não ter um tostão em casa; e não dever nada a ninguém, — é a prova mais eloquente de como o Senhor nos ama e está connosco em todos os actos da nossa vida.

CAES — Tornam a ser alvo das nossas atenções. É assunto inesgotável. Em tempos, tínhamos cineo, mas o senhor padre Manuel a um

nosso amigo pediu mais dois. O dos galinheiros queriam-nos, pois os que cá estavam eram uns «verbos de encher». Assim cá chegaram o «Merengue» e a «Laika», numa linda tarde de sol, recebidos com toda a cortezia. Ora, como de noite eles formam jogo de equipe, e para mais juntos os antigos e os modernos soltos e sem coleira, dão filme para quem

Cont. na TERCEIRA página



Os «Batacinhas» de Benguela chefiados pelo Manel da Creche

Diário dum SOLDADO

Eu sei que o Senhor nunca se esquece de mim. Ele vê todos os meus altos e baixos. Conhece-me. Sabe que há muitas vidas estereis, que precisam de Vida, que precisam de um rasto de alguém que lhes deixe o resplendor da Fé para apagar o rasto viscoso e sujo que as sementes impuras do orgulho e do ódio implantam nelas.

Graças a Deus há quem sofra muito para que nós compreendamos esta missão de nos abrir para a Fé, de nos abrir para a felicidade. Hoje compreendo e compreendo o dilatar do coração de quem se consagra ao benefício dos que têm uma vontade mesquinha, quando

o «homem-bom» que estava dentro destes se começa a libertar.

Eu sei que terei de lutar muito para que em mim esta reviravolta começada continue e não volte a deixar-me escravo do meu corpo. Tenho de me humilhar mais vezes diante de Deus, para que Ele me inflame sempre com o fogo do Seu amor. Sim, continuarei a lutar; continuarei a dizer, mas por agora muito baixinho: **serviam**. — até sacrificar de vez todos os prazeres mundanos a Deus, à honra, à vida. Com a ajuda de Deus hei-de consegui-lo, porque agora, dentro de mim, a palavra impossível deixou de existir.

AQUI, LISBOA!

Alguém com responsabilidades, a quem confiávamos o drama corrente em nossas Casas de não termos poder legal algum sobre aqueles que nos foram confiados, quando três, cinco, dez ou mais anos depois de entrados, nos surge um pai ou parente que nunca quis saber das inocentes crianças à nossa responsabilidade, por abandono absoluto ou até desconhecimento da sua existência,—respondia-nos em tom grave: «mas o poder paternal e familiar é de direito natural...»

Sim, é de direito natural o poder paternal como o é também o direito de os filhos exigirem dos pais ou afins os cuidados e carinhos indispensáveis ao seu desenvolvimento, seja qual o campo em que este se situe. Votar ao ostracismo os descendentes, para aparecer anos depois a reclamar direitos, numa visão tantas vezes egoísta e meramente material de lucro, como se de animais de trabalho ou produtores de qualquer tipo de riqueza se tratasse, parece-nos não só desacertado como injusto, para os próprios Rapazes e para as instituições que arcaram com as responsabilidades de fazer homens daqueles que, tantas vezes, a sociedade considerava lixo ou peso morto.

Vem este arrazoador a propósito do que disse, em res-

posta a uma pergunta, o nosso pequeno Alfredo, sem pai e com mãe incapaz, com 4 anos já feitos cá em Casa: «Gosto de estar aqui porque temos mães», significando com isso o reconhecimento dos desvelos recebidos das Senhoras. E passados dias, como o encarregado do campo lhe fizesse carícias, passou a chamar-lhe «pai»...

O caso apontado, aliado a muitos outros do nosso conhecimento, atesta-nos como é do direito das crianças dispor dos cuidados dos pais ou familiares, se é que estes pretendem ter direitos sobre aquelas. Não basta gerar ou ter afinidades de sangue; os cuidados, os carinhos, as preocupações e as canseiras é que afirmam a paternidade ou os laços de consanguinidade autênticos, na dimensão espiritual que comportam. Há aqui, como em tudo, uma correlação biunívoca de deveres-direitos, em que para exigir estes terão de se exercer aqueles. Inverter os termos é conduzir ao desequilíbrio e às situações mais críticas, de que há experiência entre nós.

As sociedades civilizadas devem reger-se por leis justas e equilibradas, que conduza à harmonia, paz e bem estar entre os seus membros, escalonando deveres e direitos, defendendo os fracos da prepotência dos fortes, em termos



Chegaram há pouco mais duas, quase sem eu dar por isso. Assim se vão ocupando todos os cantinhos desta pequenina casa.

Vieram pela mão da mãe e são sobrinhas de duas que cá estão. Bastava o que eu já conhecia de toda aquela família e o que então ouvi para concluir que as pobres bem precisavam de ser recebidas algures. Mas eu fiquei com a impressão de que, tanto a mãe como o candidato a «patrão» que intercedeu pelas crianças, me encobriram o pior e não me enganai, pois vim a saber que o caso é, de facto, muito mais grave do que mo queriam pintar. Pobre mãe e pobres crianças, uma e outras vítimas do egoísmo humano e de paixões sem freio!

Vieram pela mão da mãe e eu,

para evitar complicações, pedi a D. Ofélia que as levasse para a mata, onde andava o grupo das, da sua idade. Ela assim o fez, mas voltou muito descansada para casa, a tratar das suas escritas.

Logo que a mãe se foi, peguei nas duas, mais novitas e fui ter com o grupo. Ó céus, que choro desfeito! E que lamentos os da mais velhita — 10 anos — quando percebeu que a mãe já não estava! O pior é que as outras nada faziam para as distrair, antes estavam a deixar-se contagiar. Até a Nelinha, que estava ao meu colo, começava a fazer beicinho.

Como não conseguisse fazer-me ouvir pelas duas choronas, tive de as retirar do grupo, trazendo-as à força para casa.

Na sala de costura estavam as duas eacarregadas das roupas — Lourdes e Deolinda. Olharam com tristeza para os trapos que as cobriam e não disseram palavra. Foram-se à arca da roupa branca e começaram a escolher peças que lhes iam pondo na frente, para calcular se serviriam.

Ó milagre! Por entre os dedos molhados de lágrimas, os olhos curiosos começaram a espreitar as peças de roupa. Assim que percebi a reacção, tratei de colaborar com dois vestidos e dois bibes garridos. Dentro em pouco a tempestade dava lugar ao sol da alegria.

De bom grado saltaram para a banheira, onde a Deolinda lhes fez boa barreira, antes de as vestir de lavado. Depois chegou a minha vez de mostrar as habilidades de cabeleireira: cortar o mais curto possível para facilitar uma limpeza a fundo. (A grande mananção já lhe fizera a mãe, com D. D. T.).

Ora digam-me, se por aqui não se entende bem porque não ligo a enxovais, coisa que tanto espanta as pessoas que me procuram, interessadas na entrada dalguma criança?!

O vestir da mesma arca e a troca de roupas entre todas à medida que vão crescendo, au-

menta a união e ajuda a viver em família.

Vejam também que embaraços me criam certas senhoras que enviam roupas ou tecidos com recordações como esta: «para ser tudo usado pela mesma; ou: destina-se à menina x...»

Maria Cecília e Marido, de Braga; Casal de Cursistas, de Viseu; Anónimo de Lisboa e Helena da mesma cidade: todos em dia com as costumadas contribuições mensais. Deus lhes pague tanta devoção, peahor da sua perseverança.

De Caldas da Rainha, «para a Casa Nova», 150\$00 por duas vezes. Do Casal R. D., de Viseu, 100\$00 entregues na Casa Pinto. 100\$00 de Natália, Dundo, Angola. Vale de 300\$00, de Lisboa, «que se destina ao pagamento da quinta adquirida».

O «Padrinho da Jinha» enviou vales de 200\$00 e 300\$00 e nota de 50\$00.

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa, vales de 300\$00, 150\$00 e 160\$00. A de Setúbal, cheque de 500\$00. A de Lisboa, cheques de 115\$00 e 40\$00.

Vale de 50\$00 de Macieira de Sarnes.

O Crémio dos Armazenistas e Retalhistas de Mercaria, de Lisboa, enviou vale de 42\$50. Os Serviços de Fiscalização deste mesmo ramo de comércio, vale de 30\$00.

100\$00 de Francisco Maia e metade de «Levistas» de Figueira de Castelo Rodrigo. Vale de 100\$00 de Vila Nova de Famalicão e metade da «Avó de Moscovide». 20\$00 de Gavião.

A Fundação Godinho de Campos enviou sementes de flores de jardim.

Recebemos roupas, retalhos de tecidos, brinquedos, linhas, cadernos e lápis de: Lisboa, Barreiro, Lamego, Ribeira do Alentejo, Niza e Ordins. E que



OBRA DE RAFAEL, PARA RAFAEL, PELOS RAFAEL

Era nosso propósito inaugurar as escolas novas em 23 deste mês, dia dos anos de Pai Américo. Imponderáveis de várias ordens obrigam-nos a protelar a inauguração para o próximo dia do Santíssimo Nome de Jesus. Uma pequena festa íntima há-de assinalar a entrada em funcionamento deste edifício da nova Aldeia. De resto, a todos faremos presentes.

Agradecemos aos Amigos que têm encomendado trabalhos às nossas oficinas. O seu equipamento processa-se num ritmo lento, como é próprio das nossas Casas. Ainda agora

Continua na QUARTA página



AQUI TEMOS A QUINTA E A CASA-MÃE DE «BELEM».

Carta de BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA página

os apreciar: Ladra um por isto, outro por aquilo, ladram logo todo num barulho infernal. Um põe-se a ganhar, toca toda a equipa a ganhar também. Resultado, a malta é constantemente acordada pela serenata do «Banzé» e companhia. Numa destas noites passadas, deviam ser 3 horas da manhã, era um tal barulho de cães que é difícil descrever. As tantas vai o João da camarata dele e grita: «Cala-te «Leão» — e toca de os enxotar. O Melo, lá de longe, da outra camarata, gritava também: «Ah! «Tigre» e «Cambonga» de uma figa, se vos apanho!...» Nisto, Sr. padre Manuel, àquela hora, também saía do seu quarto; vinha acompanhado dum caho de va-soura: «Não se pode dormir, são cães a mais. Ah! «Banzé», se tornas a vir-me ladrar aqui à porta...»

Ora isto passado numa noite, é cópia fiel das outras noites. Não sei como vamos descalçar esta bota, mas aqui está esta narrativa a dizer como também é cómica parte da nossa vida em nossas Casas. Mas o capítulo dos cães não deve ficar encerrado por aqui.

ESTUDANTES — Começou mais um ano escolar. O ano passado os nossos estudantes tiveram resultados muito pobres. Esperamos que neste, depois do que lhes foi dito, compreendam o que custa à Casa ter perto de 20 estudantes de dia e de noite, em Cursos comerciais e industriais. Os nossos rapazes, por vezes, são levianos no estudo.

bibes tão engraçados, de retalhos de chitas, nos enviou a Casa de Jesus Misericordioso! O que não sabemos é se foi lembrança de teceadeiras se alguma freguesia que lhos comprou. De qualquer modo, saibam que as Belenitas ficaram radiantes com eles.

A propósito, quem nos poderá socorrer com retalhos de chita ou riscado, para fazermos aventais e bibes, de que as Belenitas andam muito precisadas? Também há falta de toalhas de rosto. Eu, enquanto não vir a dívida paga, não tenho ânimo para gastar dinheiro em trapos...

Recebemos em casa várias esmolas, umas já costumadas outras de visitantes de fora. Com muita economia, conseguimos juntar 10 contos, a que juntamos outros 10 enviados por um Senhor Engenheiro de Lisboa.

Assim, a dívida, que estava em 300 contos, ficou reduzida a:

300.000\$00
-20.000\$00

280.000\$00

Inês — Belém — Viseu

Não sabem avaliar o esforço de quem os dirige e lhes paga os estudos. Depois, suas famílias esperam que os seus meninos acabem seus cursos e estudos para logo os virem buscar.

Ora isto é que não está ainda compreendido e tem dado certos desgostos ao nosso padre Manuel. Nós amamos muito os nossos rapazes. Depois de tanto esforço em os acompanhar, procurando que nada lhes falte do necessário e até em explicações que levam horas da noite, enfim, tudo em prol daqueles que o Senhor nos confiou, é muito doloroso, que depois dos estudos acabados, suas famílias, só então, se achem com poderes e posses de sustentarem aqueles que por nome e sangue são seus filhos. Isto faz doer a quem ama os filhos não de sangue mas de coração, talvez com amor superior ao dos próprios pais. Nós não somos nenhum colégio, onde os pais vão pôr os filhos durante determinado tempo. É por isso que há um critério que a nossa Obra tem na admissão dos rapazes—aqueles mais abandonados, os filhos de ninguém, são esses os preferidos.

Ora, no fim dos estudos, quando a Casa pensa lançar na vida o rapaz, mas sempre enraizado na Obra, a preparar-se para o dia de amanhã tanto moralmente como profissionalmente, nesta altura vem a família, que até ali «ignorou» o rapaz, reclamar os seus direitos. Vem buscá-lo precisamente na altura em que eles mais precisam da educação e do acompanhamento da Casa. As famílias, torço a dizer, vêm estragar um trabalho empreendido no rapaz; vêm buscá-lo na pior das idades, sabendo-se perfeitamente que raramente terão meios, força e cabeça para os guiar na fase difícil que vão atravessar. É este o principal desgosto dos nossos padres. Um rapaz que se pega nele informe, depois se pensa ganhá-lo e só depois de maduro e na devida altura entregá-lo à sociedade.



O Paulo Alexandre e a Isabel Maria — netos de uma Obra que também é sua.

A reclamação destes direitos da parte de uma ou outra pessoa de família é baseado nos escudos que eles já possam ganhar e assim torna a ser filho «estimado» e «querido» como nunca!

Não está bem. Qual o artista que gosta de contemplar uma obra inacabada? Ou melhor, inacabada e abandonada? Estraga-se, corrompe-se e passa a ser ponto morto perdido na beleza das obras de arte a que tem direito. O corpo e alma humana são obra de arte cujo autor é Deus. Porque não pu-la e ornamentá-la?

Lutamos, aqui, em nossa casa com este problema. Ainda, há pouco, um causou dor. Mas estamos a ver já, futuramente, outros que serão novos desgostos para quem tanto os ama e os vê partir na altura em que mais precisam de ser amados.

Américo dos Santos



O Senhor veio buscar-nos o Eusébio. Foi mais uma luz que se acendeu no Céu. O nosso amor vai ganhando raízes no Além. São tantos os meus amigos que já partiram que eu começo a ter saudades de partir também.

Eusébio era o seu apelido. O seu nome Ilídio Agostinho. Votado ao abandono por todos, começou a trabalhar aos cinco anos, guardando gado. Aos nove saiu da casa do explorador por este ser obrigado a mandar à escola o inocente trabalhador.

Mudou de patrão. Dormia num telheiro embrulhado em sacos. Aos treze anos adoeceu. Foi parar ao hospital. Lá co-

Auto - Construção

Contra as habitações clandestinas, Auto - Construção. Têm-se multiplicado, no país, as habitações clandestinas. Os responsáveis tomaram e tomam providências. Está certo. Há que defender a Lei. Pela nossa parte defenderemos sempre a Lei, mas tentaremos que algumas leis, alguns regulamentos, sejam modificados. Não é segredo para ninguém que fazer uma casa numa cidade ou numa vila importante é uma tarefa que hoje exige prodígios de persistência. Damos os primeiros passos e ouvimos logo: Não pode ser. Damos os segundos e repetem-nos: Não pode ser. Damos o terceiro e respondem-nos ainda: Não pode ser. Se tivermos a coragem de persistir, então ouviremos: Vamos

ver. Aqui é por causa de um monumento nacional. Ali é por causa duma obra projectada. Mais além é por causa duma avenida idealizada há dez anos. Os pobres, nestas circunstâncias, nem sequer pensam na possibilidade de construir. Um ou outro rico constrói para ricos ou quase ricos. Mas os pobres são em muito maior número. Últimamente fogem dos pequeninos povos da província. A princípio alugaram quartos; mas agora, sobretudo, se têm filhos, até esses quartos se lhes fecham. Única solução: a barraca, ou, um pouco longe das cidades, a habitação clandestina. Contra as habitações clandestinas, Auto - Construção será também um caminho. Certamente é o mais difícil, mas talvez acabe por ser o mais viável. Os pobres têm direito à sua casa? Prêgue-mos-lhe então o dever de a construir. Mas, se passarmos a vida a prêgar-lhes mandam-nos passear. Mostrem-lhes possibilidades; aplanemos-lhe o caminho; lutemos para que as leis não acabem por ser um estorvo intransponível na prática. Temos de nos pôr no seu lugar. Quem de nós, com os rendimentos da maioria da população e com os rendimentos em vigor, seria capaz de construir uma casa nas nossas cidades e vilas? Ponhamo-nos no lugar da nossa classe trabalhadora e mesmo da nossa classe média. E, atrevamo-nos a dizer: não será tanto por ganharem pouco, mas sim pela impossibilidade prática de resolverem mil e uma dificuldades que acompanham sempre a construção de uma vivenda. Então? Orientemos e ajudemos pequenos grupos de trabalhadores. Será uma tarefa árdua, mas gloriosa. Grupos de seis, oito ou dez trabalhadores, com o apoio de entidades oficiais e de organizações particulares, farão as suas próprias casas. Auto - Construção não actuará à maneira duma fórmula química. Tem de se criar um movimento de Auto - Construtores, rapazes ou homens recentemente casados que tenham o desejo de ter uma casa e que se sacrifiquem, a valer, para realizar esse desejo. A seu lado, um grupo de Amigos dos mesmos Auto - Construtores que os orientem e que os ajudem. Uns com os outros levantarão muitas casas e serão uma resposta, humana e cristã, às habitações clandestinas.

nheceu um dos nossos que o incitou: — «Porque não vais pedir a fulano (a mim) para te aceitar em nossa casa?»

Eusébio veio. Estou a vê-lo. Encostado às paredes brancas da nossa Casa, amarelo e sujo, aquele farrapo humano aguardava a minha aproximação.

— Que fazes aqui rapaz?
— Vinha ver se você me aceitava. Dezeram que você cá aceitava os rapazes e eu vinha ver se você me aceitava.

— Não tens família?
— Tenho mas é o mesmo que não ter.

— A tua mãe?
— Anda com uns e com outros.

— O teu pai?
— Oh!... o meu pai o que quer é copos.

O Eusébio ficou. Sempre doente. Foi à escola e aprendeu a ler. Na catequese inteirou-se da sua posição no mundo. Baptizei-o. Comungou. Viveu connosco 4 anos. Uma boa parte no hospital em Setúbal e Lisboa. Acabou o seu calvário.

O Ilídio estava agarrado à vida. Tinha 18 anos. Sofreu como um herói. Era um holocausto permanente a interceder por nós. Deus chamou-o para a Sua Glória! Deixou-nos saudades, mas atraíu-nos para a eternidade.

Padre Acílio

Visado pela
Comissão de Censura

(Toda a correspondência para Auto - Construção — Aguiar da Beira).

P. FONSECA



PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

● **Festas** — Amigos, as nossas festas passaram-se. Passaram-se, mas ficaram gravadas no coração de cada um de nós. Foi em Benguela, foi no Lobito e finalmente na vila da Catumbela. Aquela boa disposição, aquele carinho com que fomos acolhidos em cada um dos cinemas, esse facto de sermos bem recebidos, torna-nos tão felizes, tão bem dispostos que nem podem imaginar.

As festas foram dirigidas pelo Américo. Como sempre, toda a malta contribuiu para que a festa saísse bem e começou, número após número, palmas atrás de palmas, risota após risota, enfim, tudo aquilo que os Senhores viram nos palcos, tudo aquilo foi fruto de nós, os rapazes da Casa do Gaiato, mas sem nunca deixar para trás o entusiasmo com que os Srs. assistiram.

Desde já fica aqui o nosso muito obrigado e até sempre se Deus quiser.

● **Obras** — Até dá gosto ver o movimento que vai no levantamento das paredes da nossa futura Casa-mãe. Cimento para aqui, pedra para ali. Nisto ouvem-se berros: Tijolo! Tijolo!

Cada dia que passa ela aumenta sempre uns decímetros largos. Oxalá que cada dia que passe os vossos corações aumentem cada vez mais em generosidade e não se esqueçam de que nós estamos sempre prontos a receber tudo aquilo que nos dais.

Temos sido bastante acarinhadados neste começo da Casa-mãe. Já nos deram algum tijolo, madeira, donativos, etc.. Desde já fica o nosso muito obrigado, mas deve ser um pecado eu esquecer-me de tornar a lembrar que ela ainda está nos princípios e, portanto, continuamos a precisar de tudo o que pertence a obras.

● **Telegráficas** — O «Casaca» ia fazendo desmaiar a assistência quando entrou no palco com a sua máquina fotográfica.

O Manuel Pelajo tem umas pernas que até mete medo.

Cá em casa ninguém pode gozar com ele porque ele tem uns passos

Aqui, Lisboa!

Cont. da SEGUNDA página

pensávamos como encontrar maneira de fazer face ao encargo da compra de uma máquina de furar para a serralharia e não víamos outra solução que não fosse a habitual: a dos lírios do campo e a das avezinhas do Céu. E a vintena de contos há-de aparecer...

Para a tal «máquina de fazer tudo» chegou uma nota de mil, mais um hino de louvor ao trabalho. Louvado seja Deus!

Padre Luiz

de metro e meio e enquanto o outro rapaz dá 50 passos ele roda vinte e...

O Zé Luis Magro, aqui há dias ia deitar sal no café. Eu vi-o ir à panela do sal e a tirar um prato grande. Depois perguntei-lhe: — para que é isso? «Para deitar no café.» No café?! Estás doente rapaz!? O sal deita-se somente nas comidas e não no café. Responde ele: «Eu não sabia!»

● **Galinhas** — O nosso galinheiro cresce de dia para dia. As nossas galinhas já põem 73 ovos diários. Tudo isto sem contar os de galo, porque senão ia lá para 530 ovos. Já agora os Srs. se nos quiserem mandar umas rações especiais como da Cuca, estamos dispostos a guardar tudo.

● **Apontamentos de sempre** — Temos cá três magníficos tipógrafos. Pois eles lembraram-se de andar de bicicleta e, pronto, agora não há meio de pensarem noutras coisas. Só pensam em bicicletas. Aqui há dias, chegaram-se à minha beira e disseram para eu escrever para «O Gaiato» a pedir 3 bicicletas. Assim vejam, pois, meus Senhores. Não se esqueçam, portanto dos nossos tipógrafos.

Se não puder ser bicicletas, mandem motorizadas e se não puderem ser motorizadas mandem automóveis. Está bem? Pronto. Adeus.

António A. Pereira de Almeida

Belém

● **Concursos** — Últimamente temos andado a fazer muitos concursos. Do que eu vou falar é do dos lenços.

As da roupa andavam sempre atrás da Mãe, a dizer que não havia lenços para dar, de maneira que nos teve que arranjar pano para os fazermos. A nossa Mãe arranjou-nos um ponto para fazermos em volta, a linha era cada uma de sua cor.

Como os achou mal empregados para a semana disse que ficavam para o domingo, mas teve uma ideia de nos mandar fazer um concurso e o que estivesse melhor ganhava um prémio.

Eu agora sou da roupa, mais a Deolinda e aproveito a ocasião para dizer que não há só falta de lenços. Também já não temos toalhas de rosto que cheguem.

Os senhores vejam lá se nos remediavam, porque a gente não gosta nada de gastar dinheiro em roupa. Só gosta de o juntar para pagar a quinta.

Devo dizer que afinal nenhum lenço ganhou prémio, porque a nossa Mãe disse que pareciam naperons, porque bordámos uns ramos muito grandes. Ficou cada uma com aquele que fez e já foi bem bom!

Licas

● **A festa de Vil-de-Moinhos.** No Domingo passado foi a festa de Nossa Senhora dos Milagres em Vil-de-Moinhos e nós é que cantámos a Missa em português.

Se lá faltássemos era uma vergonha, pois é a povoação a que que nós pertencemos e nós já

cantámos em outras terras: Mourás, S. Salvador e Paradinha.

A missa em Vil-de-Moinhos foi campal e por isso o canto não deu tão bom efeito, porque o vento levava o som. A seguir da Missa foi a procissão pelas ruas da aldeia e nós iamos à frente do pátio.

Nós ficamos todas contentes quando nos falamos em festas pois nós gostamos muito delas e ainda mais de cantar.

Deolinda

MIRANDA

Caros leitores: Pela primeira vez a minha presença no Famoso.

● **Abóboras** — Temos abóboras em grande quantidade e, como não temos porcos pois a peste levou-os, andamos nos a comer as mais tenrinhas. Também já fizemos muito doce de abóbora. Mas, as outras?

— As outras são para os bois e galinhas.

● **Vinho** — Temos vinho em grande quantidade, graças a Deus. Do morangueiro temos 4 pipas cheias. Só nos resta uma pipa das grandes para encher, e como ainda temos o tanque quase cheio do nacional, o Sr. Padre Horácio comprou duas cubas de mil litros cada uma, que devem ficar cheias. Pela primeira vez na nossa casa se faz vinho branco.

● **Azeitona** — Temos muita azeitona. Como tem chovido para estes lados, tem também caído muita e os mais pequenos já começaram no seu trabalho.

● **Milho** — Temos o milho quase todo colhido e já deu bastante. Tem dado muito trabalho por causa da chuva, mas esta também estava a fazer muita falta.

Fonseca

Lar do Porto

● **ESTUDOS** — Vão começar os estudos e os apertos que neles tomam parte. Conforme os anos vão passando, assim as dificuldades aumentam, para aqueles que passaram de ano. Pois as dificuldades já começaram, para os que andamos nos Colégios, ou Escolas Técnicas, visto não possuímos os livros e o material suficiente para distribuímos pelos nossos estudantes, apesar da benevolência de certos Professores que, ao deixarem-nos juntos nas mesmas turmas, ainda nos deixam estudar com os mesmos livros e servirmos do mesmo material. Ora nós tudo isto agradecemos aos Srs. Professores que assim procedem, mas, mesmo assim, ainda lutamos com dificuldades, visto um estudo colectivo não dar aqueles bons frutos que dá um estudo individual, e ao estarmos dois e mais com os mesmos livros... Os Senhores calculam!

Então lembramo-nos de lançar daqui um apelo aos nossos bons amigos, que estão sempre prontos a receber e atender mais um pedido. Agradecemos, por isso, a quem tenha por aí livros, dicionários e material de desenho sem servir, que, em lugar de ser arrumado para um canto... faça o favor de no-lo mandar, que



Uma imagem da Tipografia de Paço de Sousa: «Pirilampo» ocupado em a nova máquina de agrafar.

nos agradecemos de todo o coração. O Lar é na Rua D. João IV-682.

Na verdade temos uma Casa no Porto, que, pese a muitos, não merecemos e, apesar da boa vontade de alguns (poucos), não temos correspondido ao esforço de quem por nós tanto se esforçou para que tivéssemos um ambiente propício a progressos.

Não temos correspondido, e nesse

número estão incluídos os estudantes, que deviam começar a dar o exemplo de aproveitamento. Tenho ou não razão? (Que respondam os estudantes...)

Vamos começar a dar o exemplo, com um pequeno mas significativo esforço, amigos que estudamos!

JOAQUIM FIALHO

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

viver mais do que um breve período? E os argumentos que militam em favor da organização de salta-pocinhas que ora é — implicitamente dizem prevenção contra a cupididade de que poderá ser sujeito o comissionado.

É duplamente falsa a posição. Raras serão as terras onde se não pode viver. E será gostoso lá viver se, ao fazê-las, nelas pusermos o nosso gosto e o nosso amor.

E nos homens é preciso acreditar. É urgente que a par dos seus defeitos e fraquezas se considerem neles as qualidades positivas que sempre há e é necessário expungir das ervas daninhas e fazer medrar. Todas estas virtudes serão férteis na medida da consciência que os homens delas tomarem e da generosidade com que as puserem a render.

Afinal, a desconfiança produz, mas é, aquilo mesmo que procura evitar. Os comissiona-

dos não terão muito tempo para se darem ao posto que ora ocupam e acabam por ver nele e nele procuram a oportunidade de servirem o seu particular interesse.

Homens — é sempre, ao fim e ao cabo, a riqueza que urge explorar. Homens esclarecidos, homens com ideal. Homens realistas e humildes, que aceitem as suas limitações e se defendam delas. Homens generosos, capazes de se pôrem naquilo que fazem.

Deus permita que na próxima visita a terras de Africa, em vez do «tempo que ainda falta para acabar a minha comissão» (tantas vezes melhor usado em proveito próprio do que ao serviço do Bem Comum), se ouçam mais repetidas vozes exprimindo desejo de permanência, revelando uma outra mentalidade: de que aquelas terras, que dizemos nossas, são de verdade a nossa Pátria.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE